



## Quando o telejornal vira notícia: a saída de Fátima Bernardes do Jornal Nacional<sup>1</sup>

Gilze BARA<sup>2</sup>

Renata VARGAS<sup>3</sup>

Iluska COUTINHO<sup>4</sup>

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)  
Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF)

### RESUMO

Depois de dividir a bancada do principal telejornal brasileiro com o marido William Bonner por quase 14 anos, Fátima Bernardes oficializou sua saída do Jornal Nacional (JN), da TV Globo. O anúncio foi feito no dia 1º de dezembro de 2011, e a mudança efetivada no dia 6 de dezembro do mesmo ano, quando Patrícia Poeta assumiu a bancada do JN. Este artigo objetiva estudar como o próprio telejornal abordou a mudança de apresentadora e como tratou o assunto, que recebeu atenção de acontecimento midiático, sendo amplamente divulgado. Em duas edições – no dia do anúncio da saída e em 5 de dezembro de 2011 –, o fato ocupou por completo os últimos blocos do JN. O artigo parte de pressupostos sobre televisão, telejornalismo e apresentadores de telejornais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Telejornalismo; apresentadores; Jornal Nacional; Fátima Bernardes.

### 1 Introdução

A saga do casal William Bonner e Fátima Bernardes à frente do Jornal Nacional (JN), da TV Globo, foi interrompida no dia 6 de dezembro de 2011. A notícia, veiculada cinco dias antes, causou espanto, apesar de amplamente divulgada não só no próprio telejornal, mas em vários veículos de comunicação: após 14 anos, Fátima Bernardes estava deixando a bancada do JN para comandar um programa televisivo próprio. Na bancada do principal telejornal da televisão brasileira, ela seria substituída pela então apresentadora do Fantástico, Patrícia Poeta.

O JN virou notícia – e notícia de destaque na mídia nacional. Nunca antes uma mudança na apresentação<sup>5</sup> de um telejornal havia sido tão badalada como essa. Neste

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 28 a 30 de junho de 2012.

<sup>2</sup> Mestre em Comunicação pelo Programa de Pós Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (MG) e Professora de Jornalismo e Publicidade do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (MG). [gilze.bara@gmail.com](mailto:gilze.bara@gmail.com)

<sup>3</sup> Mestranda em Comunicação pelo Programa de Pós Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (MG) e Professora de Jornalismo e Publicidade do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (MG). [renatavargas9@gmail.com](mailto:renatavargas9@gmail.com)

<sup>4</sup> Mestre em Comunicação e Cultura (UnB) e Doutora em Comunicação Social (Umesp), com estágio doutoral na Columbia University (CUNYC). Professora adjunto do Departamento de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora. [iluskac@uol.com.br](mailto:iluskac@uol.com.br)



artigo, vamos apresentar um relato de como foi o anúncio da substituição de Fátima por Patrícia Poeta no próprio Jornal Nacional e o tratamento dado à notícia pela TV Globo, por meio do JN. Para isso, nos apoiamos em referenciais teóricos sobre televisão, telejornalismo e apresentadores de telejornais.

## 2 Televisão e telejornalismo

A televisão está presente em 95,7% dos lares brasileiros, enquanto 93,4% deles possuem geladeiras. Os dados do IBGE (2004) nos mostram que o brasileiro adora a televisão. E também a importância da TV para a sociedade contemporânea. “Nos últimos anos, a televisão vem se firmando como principal meio de comunicação massiva na sociedade. [...] cada vez mais ela define não só o que deve ser visto como informação, mas ela própria adquire o status de informação [...]” (HAGEN in VIZEU, 2008, p. 29).

Ana Carolina Pessoa Temer considera a televisão como “o ponto focal da família, no qual vêm as novelas, programas de auditório, *realitys-shows* e, é claro, o telejornal”. (TEMER, 2010, in VIZEU; PORCELLO; COUTINHO, 2010, p. 101). Essa concepção é compartilhada por Yvana Fachine (2008b), que destaca a relação intrínseca da TV com a vida cotidiana, uma vez que a produção televisiva é feita tendo como foco a recepção no ambiente familiar e doméstico. Outros autores como Dominique Wolton (1996) e Roger Silverstone (1994), citados por Coutinho (2003), chamam a atenção para a grande presença da televisão no cotidiano da sociedade:

[...] a experiência que se tem da televisão é a experiência do mundo: ‘[...] Nos oferece prazer e nos aborrece quando nos questiona. Nos dá oportunidade de sermos socializados e também solitários. [...] A televisão nos parece hoje natural como parece a vida cotidiana.’. (SILVERSTONE, 1994, p. 20 apud COUTINHO, 2003, p. 38)

Coutinho (2003) ainda faz referência a Ester Hamburger (1988) e Eugênio Bucci (1997), que defendem a televisão para além de um veículo, mas “como um ambiente, uma ideologia capaz de integrar diferentes expectativas, desejos, e ainda aliviar tensões em um imaginário nacionalmente construído” (COUTINHO, 2003, p. 46). A autora afirma que a tela da TV constitui “o espaço onde o país se informa e se

---

<sup>5</sup> Além da apresentação, há ainda a atribuição de edição executiva do programa, embora esta função nem tenha sido mencionada no anúncio da substituição de Fátima Bernardes por Patrícia Poeta.



localiza no mundo. Entendida como assembléia permanente da nação, a televisão definiria inclusive um modo, real, de observar o mundo, dando legitimidade ao que exhibe em sua tela” (COUTINHO, 2003, p. 46).

E é justamente a vida cotidiana que concede elementos para a organização do fluxo discursivo da TV, a partir do momento em que as histórias construídas e narradas na televisão são baseadas nos acontecimentos cotidianos. Assim, a TV converte-se em porta-voz da cultura da sociedade em que se insere, ao mesmo tempo em que contribui para defini-la ao oferecer paradigmas, orientar discursos e promover agendamentos. E o público tem prazer em ouvir as histórias contadas pela televisão porque elas se relacionam com sua própria experiência de vida.

A televisão fala, conta, propõe histórias que refletem o costume de buscar emoções do espírito humano. Neste sentido, a televisão estimula a imaginação dos indivíduos, satisfaz sua necessidade de fuga e encarna suas fantasias, realizando-as em histórias próximas à sua vida cotidiana. (CASSETI & CHIO, 1999, p. 309 – tradução da pesquisadora)

A televisão, assim, ofereceria ao telespectador meios de compreender o mundo em que vive. Seja pela informação, seja pelo entretenimento, a TV ocupa um lugar na vida das pessoas – ela parte da vida cotidiana e é recepcionada no cotidiano familiar, mas permite que se veja algo além da cotidianidade. A programação televisiva é classificada por Coutinho (2003) como uma espécie de grande narrativa do mundo moderno.

No Brasil, a televisão é tida como a principal fonte de informação, configurando o eixo central da indústria cultural nacional. Coutinho (2003) vincula essa escolha da televisão como principal veículo de informação ao perfil do brasileiro médio. “A televisão garantiria um acesso mais universal ao conhecimento dos fatos, nas notícias, sem limitações de grau de escolaridade” (COUTINHO, 2003, p. 22). Além do analfabetismo e do baixo nível de escolaridade, os baixos índices de desenvolvimento também conferem relevância ao impacto da TV no Brasil, dada à maior influência do veículo em situações de pobreza econômica e cultural.

A autora cita José Arbex Júnior, para quem a influência e a importância da televisão no Brasil se relacionam ao fato de a cultura brasileira privilegiar a percepção visual como fonte de conhecimento. Em uma sociedade marcada pela hegemonia audiovisual, seria na televisão, pois, que o país se encontraria. As emissões televisivas



no Brasil, portanto, exercem forte impacto na “construção do conhecimento, ainda que cotidiano, e no processo de informação da grande maioria da população” (COUTINHO, 2003, p. 22). Bucci vai além e defende que “[...] fora da TV, talvez seja muito improvável encontrar algum Brasil para ser visto” (BUCCI apud COUTINHO, 2003, p. 46), porque “a televisão é o lugar onde as coisas acontecem” (BUCCI apud COUTINHO, 2003, p. 202).

A TV, portanto, marca presença na vida das pessoas. Uma presença que, segundo Coutinho (2003), seria constante. Essa percepção acerca da televisão é compartilhada por Eric Landowski: “[...] a televisão, nos seus aspectos mais característicos, é sobretudo uma *presença*”. (LANDOWSKI, 2008, in FECHINE, 2008b, p. 7). Para Fechine, esta presença efetiva-se pelo simples fato de a TV estar ligada.

[...] sempre que mantenho a TV ligada, ainda que não preste muita atenção ao que se mostra ou ao que se fala, não me sinto mais sozinha. Instala-se um tipo de efeito de presença. Poderia explicar tal sentimento atribuindo-o, pelo caminho mais óbvio, à mera construção do simulacro de uma conversação interpessoal através de diversas estratégias enunciativas que produzem efeitos de proximidade (*talking heads* que se dirigem diretamente ao espectador, por exemplo). (FECHINE, 2008b, p. 108)

O telejornal é hegemonicamente entendido como a principal manifestação do telejornalismo e é, para alguns autores, o “principal meio de informação da significativa maioria da população brasileira” (COUTINHO; MUSSE, 2009, in VIZEU; PORCELLO; COUTINHO, 2009, p.15). Ocupando um lugar central na vida dos brasileiros como a principal fonte de informação da sociedade – barata, cômoda e acessível –, o telejornal “representa um *lugar de referência* para os brasileiros muito semelhante ao da família, dos amigos, da escola, da religião e do consumo.” (VIZEU; CORREIA, 2008, in VIZEU, 2008, p. 12.).

Como afirma Iluska Coutinho, o “telejornal recontaria ou reconstruiria o movimento do mundo no âmbito, seguro e familiar, da casa, em forma de espetáculo” (COUTINHO, 2008, p. 21), transportando a televisão para além de sua vocação ao entretenimento e de seu convite ao lazer. Assistindo às notícias veiculadas no telejornal, os espectadores se informam sobre os acontecimentos do mundo. E o fazem na



segurança de seus lares, sem se preocuparem com os perigos desse mundo, existentes da porta de casa para fora.

Segundo Vizeu (2005), o jornalismo não reproduz o real, mas contribui para a (re)construção social da realidade. O jornalismo não é um espelho da realidade, porque possui uma dimensão simbólica – o discurso jornalístico é construído com o que lhe ofertam outros códigos, outras vozes, sendo um discurso de múltiplas polifonias. A partir do momento em que a realidade a ser mostrada no telejornal é elencada – desde o momento da definição das pautas até a edição final, passando pelo processo de apuração dos fatos e construção da reportagem –, os fatos a serem transformados em notícias são escolhidos e reconstruídos.

Os telejornais cumprem uma função de sistematizar, organizar, classificar e hierarquizar a realidade. Dessa forma, contribuem para uma organização do mundo circundante. É o *lugar* em que os grandes temas nacionais ganham visibilidade, convertendo o exercício de publicização dos fatos como a possibilidade prática da democracia. Todo esse processo se produz num campo complexo de construção, desconstrução, significação e ressignificação de sentidos. O telejornal é hoje a grande *praça pública* do Brasil. (VIZEU, 2008, p. 7).

Na sociedade brasileira, ao assistir aos telejornais as pessoas se abastecem de informações que as incluirão nas rodas de conversas – reais ou virtuais. O telejornalismo é, pois, inclusivo, funcionando “como uma *janela* para a realidade, mostrando que o mundo circundante existe [...]” (VIZEU; CORREIA, 2008, in VIZEU, 2008, p. 21).

A partir de suas narrativas, tecidas também a partir das seleções e da aplicação de critérios de cada emissora e editor, os telejornais “apresentam e representam a realidade aos brasileiros, e contribuem para a construção de sua própria identidade como cidadãos” (COUTINHO & MUSSE, 2009, in VIZEU; PORCELLO; COUTINHO, 2009, p. 15). Segundo Iluska Coutinho e Christina Musse, também por meio de suas narrativas os telejornais ofereceriam uma via de acesso ao imaginário de um certo modelo ou concepção de cultura ou identidade nacional. O telejornalismo, pois, “seleciona as informações e cria uma cartografia da Nação, levando em consideração critérios altamente subjetivos” (COUTINHO & MUSSE, 2009, in VIZEU; PORCELLO; COUTINHO, 2009, p. 19), já que muitas histórias que constituem a nação são relegadas ao esquecimento devido ao fato de não ganharem visibilidade.

### 3 Os apresentadores de telejornais

Não é à toa que milhares de pessoas ainda respondem ao famoso “boa noite” dado pelos apresentadores de telejornais no horário nobre da televisão brasileira. Os apresentadores são vistos como a cara e a voz do telejornal que apresentam – ou representam. Os apresentadores conduzem a enunciação no telejornal, interpelando diretamente os espectadores. Eles narram, de um lugar de fala autorizado, os acontecimentos classificados (muitas vezes por eles próprios, quando acumulam a função de editores) como os mais relevantes do dia.

Os apresentadores são o fio condutor, a espinha dorsal do telejornal, já que articulam as diferentes histórias contadas nas edições do programa. E o fazem olhando de frente para o telespectador, olho no olho, o que, segundo Veron, citado por Juliana Gutmann,

contribui para a credibilidade do enunciado, a função referencial, [...] definindo-se como uma marca de identificação do discurso informativo na TV. Para o autor, é nesse jogo enunciativo regido pelo olhar que se estabelece o contato entre as partes e, por conseqüência, o *status* de confiança entre os sujeitos actantes de um determinado texto audiovisual. (GUTMANN, 2009, p. 4)

Esta simulação do contato direto é destacada por Coutinho: “Durante os telejornais, esse ‘contato’ ganha força na medida em que apresentadores, repórteres e entrevistados se dirigem diretamente ao telespectador em um simulacro do olho-no-olho [...]” (COUTINHO, 2008, p. 21). Debray constrói uma analogia entre o apresentador e a presença divina:

[...] a visão do apresentador cotidiano não apaga, com certeza, nossos pecados, como a Presença divina no ritual católico, mas observemos que, apesar de todas as suas diferenças de estatuto, os dois suportes humanos da revelação têm, antes de tudo, a frontalidade em comum. Olhos nos olhos, face a face. Nosso anchorman ou woman olha para quem o olha, [...] finge, já que está lendo um prompter, mas o efeito está aí: um olho nos fixa sem nos ver, interpela-nos diretamente [...] São, por natureza, Seres de face, retos sem verso, corpos gloriosos sem barrigas da perna, nádegas ou nuca: puras subjetividades não-objetiváveis. Esses homens-tronco não são o Verbo, mas o Real encarnado, isto é, o Acontecimento em sua luminosa Verdade. (DEBRAY, 1994, p. 297)



Tamanha é a força dos apresentadores junto ao público, que, muitas vezes, são confundidos os limites entre apresentadores e telejornal. Fechine acredita que a “credibilidade do telejornal é influenciada diretamente pela confiança que os espectadores depositam nos seus apresentadores” (FECHINE, 2008a, p. 1). Hagen, por sua vez, chama a atenção para o movimento em outra via, afirmando que “a imagem de competência e excelência dos apresentadores, de alguma forma, transmite a sensação de excelência da informação, assegurando a credibilidade tão incensada no jornalismo” (HAGEN, 2008a, p. 10). Mauro Porto vai além, defendendo que pode existir confiança do público no telejornal e nos apresentadores mesmo quando não se confia na emissora televisiva:

[...] o público pode confiar no gênero telejornal enquanto fonte neutra de informação e no apresentador enquanto personalidade, ao mesmo tempo em que permanece cético com relação à imagem da emissora e ao seu papel político, tendo assim menos confiança no conteúdo do noticiário. Em outras palavras, o gênero “noticiário” e a personalidade do apresentador podem desfrutar altos níveis de credibilidade, ao mesmo tempo em que a imagem da emissora permanece negativa. (PORTO, 2002, p. 14)

Hagen (2008b) afirma que a imagem dos apresentadores desperta emoção no público – emoção considerada pelo autor como fundamental para estreitar os laços entre o público, o âncora e o telejornal e para gerar certo conforto, um acolhimento em meio a tantas notícias.

Buscar a emoção no rosto dos telespectadores é repetir naturalmente o que se faz numa conversação face a face. E em uma situação em que o rosto é principal componente, já que o corpo não aparece inteiro na tela, essa busca se concentra e intensifica. [...] A emoção está presente na sutileza, no detalhe, e em tudo aquilo que está fora do vídeo, mas que pode ser resgatado – conscientemente ou não – quando se vê uma imagem mítica. (HAGEN, 2008a, p. 8).

O fato de o apresentador ser o enunciador das informações acerca do mundo, veiculadas no noticiário televisivo, colabora para a identificação do telespectador. Ainda mais quando esse enunciador assume um papel de defensor do público, cobrando soluções, ou quando os apresentadores evidenciam um estilo mais descontraído,



revelando situações, gostos e comportamentos particulares. Isso faz com que o apresentador passe

O apresentador passa [...] a ser percebido paulatinamente pelo público como alguém mais próximo e familiar, alguém de quem ele conhece até alguns aspectos da vida, das experiências, das opiniões e preferências pessoais. Pode, ainda, por outro lado, ser visto pelo telespectador como alguém capaz de defender seus interesses e manifestar suas posições, apto a expressar às autoridades, aos políticos ou a representantes da sociedade civil aquilo que ele próprio gostaria de falar. (FECHINE, 2008a, p. 2).

#### **4 O anúncio e o tratamento da saída de Fátima Bernardes no Jornal Nacional**

Foi no dia 1º de dezembro de 2011, uma quinta-feira, em que foi anunciada a saída de Fátima Bernardes do Jornal Nacional. Depois de a notícia ter sido badalada durante todo o dia em diversos *sites*<sup>6</sup> e anunciada em coletiva à imprensa realizada em hotel localizado no Rio de Janeiro, a informação sobre a mudança foi confirmada no *Blog* da Redação do JN<sup>7</sup> e no próprio telejornal pelo casal de editores e apresentadores. Neste artigo, cabe-nos abordar o tratamento do fato como notícia no JN.

A saída de Fátima Bernardes foi abordada já na escalada do telejornal veiculado no dia 1º de dezembro, como último destaque, na voz de um Bonner com uma expressão misteriosa, com um meio sorriso no rosto: “E você vai saber as novidades que vão aparecer nesta bancada e na tela da Globo”. Em seguida, Fátima, sorrindo, afirmou que o JN estava começando.

O último bloco da edição foi totalmente dedicado à novidade e teve quatro minutos e 40 segundos de duração. Na volta do intervalo, o enquadramento estava em plano aberto, mostrando os dois apresentadores no vídeo. A cabeça do único VT do bloco foi lida por Bonner, que estava com uma expressão facial leve e um meio sorriso. Durante toda a cabeça, que teve 30 segundos de duração, Fátima ficou olhando e sorrindo para Bonner, exceto em dois momentos, conforme transcrição do texto da cabeça a seguir:

A TV Globo anunciou hoje, no Rio de Janeiro, novidades na programação. A minha companheira de bancada aqui [Bonner

---

<sup>6</sup> Aspecto abordado na dissertação de uma das autoras deste artigo, Gilze Bara, intitulada “Para além do ‘boa noite’: Os apresentadores de telejornais e o processo de identificação com o público”, defendida em março de 2012 no PPGCom da UFJF.

<sup>7</sup> Idem



apontou com a mão direita para Fátima], Fátima Bernardes, [Fátima olhou para a câmera] vai comandar um programa novo, né, Fátima? [Fátima fez que sim com a cabeça e disse “Novíssimo.”] É um projeto que ela mesma propôs. E a partir da semana que vem, a cadeira aqui ao meu lado passará a ser ocupada por Patrícia Poeta, jornalista e nossa colega do Fantástico. E o lugar de Patrícia no Fantástico será de Renata Ceribelli. A Renata é quem vai assumir esse lugar. É melhor a Fátima explicar. [Fátima olhou novamente para a câmera] (BONNER in JORNAL NACIONAL, 01/12/2011)

Em seguida, foi exibido um VT conduzido por Fátima Bernardes, que teve duração de três minutos e três segundos. A matéria começou com uma passagem/abertura de Fátima no saguão de um hotel no Rio de Janeiro, onde foi realizada a coletiva sobre a mudança.

Nos últimos 14 anos, eu levei até a sua casa as principais notícias do Brasil e do mundo. Conteí muitas histórias. Só que, hoje, o Jornal Nacional virou notícia. Tudo porque, há uns quatro anos, eu tive uma ideia. Essa ideia acabou virando uma vontade muito grande e se transformou num projeto. Está meio confuso, né? [Fátima começa a andar]. Bom, por isso convidamos a imprensa e viemos pra esse hotel, no Rio de Janeiro, pra tentar explicar melhor essa história. E eu já vou logo adiantando: quem vai falar primeiro e dizer tudinho pra vocês é o nosso diretor Carlos Henrique Schroder. (BERNARDES in JORNAL NACIONAL, 01/12/2011)

O diretor responsável pela Direção Geral de Jornalismo e Esporte (DGJE) da TV Globo, Carlos Henrique Schroder, confirmou que tudo estava acontecendo a partir da vontade de Fátima, que havia elaborado um “projeto muito interessante, um projeto sensacional” (SCHRODER in JORNAL NACIONAL, 01/12/2011). Fátima informou que, a partir do momento em que seu projeto foi aprovado, a tarefa passou a ser a escolha de sua sucessora. E Schroder voltou a falar no VT, desta vez revelando que o nome de Patrícia Poeta havia sido consenso entre ele próprio, o diretor da Central Globo de Jornalismo, Ali Kamel, e Bonner. O editor do JN justificou que a escolha deveu-se ao perfil profissional de Patrícia Poeta, o que “mais automaticamente se encaixava nas necessidades do Jornal Nacional” (BONNER in JORNAL NACIONAL, 01/12/2011).

Já Patrícia Poeta, também ouvida no VT, disse que o convite para substituir Fátima havia sido um susto, mas que estava feliz e honrada: “É uma honra pra mim saber que, a partir da semana que vem, na terça-feira, eu vou sentar naquela cadeira onde, por 14 anos, ela foi ocupada pela jornalista mais querida do Brasil”. (POETA in



JORNAL NACIONAL, 01/12/2011). A matéria prosseguiu informando que Renata Ceribelli assumiria a apresentação do Fantástico e que as novidades no Jornal Nacional começariam na segunda-feira seguinte.

Na volta do VT, Bonner e Fátima estavam sorrindo, em plano aberto, e Fátima contou duas curiosas coincidências: que a reportagem exibida havia sido feita por ela e pelo repórter cinematográfico José de Arimatéa, o mesmo cinegrafista que estava com ela na primeira reportagem que fez para o JN, e que ambas as reportagens foram feitas no mesmo hotel no Leme, Zona Sul do Rio de Janeiro (a primeira havia sido sobre o reveillon carioca). Bonner sorriu e reafirmou que tudo havia sido coincidência mesmo. E Fátima se despediu do JN:

Bem, eu ainda estarei aqui amanhã, no sábado e na segunda-feira para um Jornal Nacional especial com a presença da Patrícia Poeta. Nós vamos conversar aqui sobre as mudanças e os novos desafios de cada uma. E a gente conta com você para nos acompanhar nesse momento importante do Jornal Nacional. (BERNARDES in JORNAL NACIONAL, 01/12/2011)

Após um comentário de Bonner sobre a curiosidade dos telespectadores sobre seu novo programa, Fátima desejou “boa noite” para o público, com ênfase na expressão “até amanhã”.

A edição do JN da segunda-feira, 5 de dezembro de 2011, destacou a mudança de apresentadoras no final da escalada. Bonner, sorrindo, chamou: “E nesta edição, a despedida de Fátima Bernardes” e Fátima, também sorrindo, completou: “E as boas vindas a Patrícia Poeta” (JORNAL NACIONAL, 05/12/2011). O assunto foi tratado no último bloco, que teve 15 minutos e 23 segundos de duração e foi exclusivamente sobre as protagonistas da mudança na bancada do JN. O material começou com a imagem de Bonner, em plano fechado, falando que aquele era um dia especial para a história do JN porque Fátima Bernardes faria sua última apresentação e no lugar dela assumiria Patrícia Poeta. A câmera abriu, mostrando que Bonner estava em pé. Ele desejou boas vindas e deu as mãos para Patrícia Poeta, que entrou no vídeo e, após cumprimentar Bonner, andou até Fátima (que ainda não havia aparecido no vídeo neste bloco). As duas se cumprimentaram com um beijo no rosto e Fátima disse que, naquele momento, Patrícia ainda sentaria na posição de entrevistada.

Bonner perguntou se Patrícia estava nervosa, e ela disse que sim. O editor respondeu: “Então, se ajuda a ficar tranquila, uma vez eu perguntei ao Cid Moreira, que



ocupou esta cadeira durante 27 anos, quando ele parou de ficar nervoso ao apresentar o Jornal Nacional e ele disse: ‘Nunca’” (BONNER in JORNAL NACIONAL, 05/12/2011). Bonner continuou sua enunciação dizendo que todos estavam um pouco nervosos e que “para esta noite especialíssima do Jornal Nacional nós procuramos apresentar uma espécie de resumo das carreiras dessas duas grandes jornalistas [...]” (BONNER in JORNAL NACIONAL, 05/12/2011).

Em seguida, foi veiculado um material de quatro minutos e 31 segundos, no estilo retrospectiva, sobre momentos da carreira de Patrícia Poeta. O *off* foi gravado por Bonner, que fez uma locução mais leve, mais doce. Além de imagens sobrepostas à locução em *off*, o material teve vários sobes sons de Patrícia. Foi mostrado o início dela no JN, no ano 2000, no quadro da Previsão do tempo, mesma época em que a jornalista gaúcha apresentava o SPTV (ao lado de Chico Pinheiro) e, aos sábados, o Jornal Hoje. O texto ainda salientou que, junto com a carreira de apresentadora, Patrícia Poeta nunca deixou a reportagem. Em 2003, a jornalista transferiu-se para Nova Iorque como correspondente da Globo e retornou ao Brasil em 2007, como apresentadora e repórter do Fantástico. O texto destacou ainda que “na tela da Globo, Patrícia noticiou a história” e evidenciou o lado entrevistadora da jornalista, “que descobriu como arrancar sorrisos” e como “arrancar lágrimas”.

Na volta do VT, Bonner elogiou a carreira de Patrícia e chamou para um material de 15 segundos em que a própria apresentadora resumia sua vida (uma gravação exibida no Fantástico no dia 30 de março de 2008). Fátima brincou com a sua sucessora, falando que, depois das muitas experiências que ela teria no JN, não conseguiria mais editar um vídeo de 15 segundos sobre sua vida. Patrícia concordou, falando que ficaria mais difícil mesmo. Fátima perguntou se Patrícia estava preparada para o dia seguinte. Ela respondeu que se sentia desafiada, porém animada. Bonner chamou, então, o material sobre os 14 anos de JN e 24 anos de TV Globo de Fátima Bernardes.

A retrospectiva teve duração de quatro minutos e 44 segundos, com *off* também gravado por Bonner, em locução mais leve e doce, associada a imagens e vários sobes sons de Fátima. A narração informou que Fátima começou no jornalismo local da Globo Rio, em 1987, como repórter e apresentadora do RJTV. A “carioca de sotaque acentuado e cabelos volumosos” passou a ser conhecida dos brasileiros de outros estados nos telejornais da Rede Globo e, em 1989, começou a apresentar o Jornal da Globo – o texto foi coberto por imagem de Fátima e Bonner na bancada do Jornal da Globo. Em 1993, Fátima apresentou o Fantástico. Também foram mostrados trechos de várias entrevistas



que ela fez com artistas e políticos. Em março de 1998, Fátima Bernardes assumiu a bancada do Jornal Nacional, mas prosseguiu reportando fatos marcantes, entre eles eventos esportivos, sobretudo acompanhando a Seleção Brasileira de Futebol, da qual foi escolhida musa após a conquista do penta campeonato em 2002.

Bonner afirmou que também foram marcantes os momentos que em Fátima estava ausente da bancada do JN: “Eu ficava aqui sozinho e perguntava, fazia uma pergunta que virou quase um bordão”<sup>8</sup> (BONNER in JORNAL NACIONAL, 05/12/2011). O editor, então, pediu que o diretor de TV dividisse a tela, que passou a mostrar Bonner de um lado e Fátima do outro. Ele então perguntou: “Onde estará você no ano que vem, Fátima Bernardes?”. Fátima, sorrindo, respondeu: “Olá, William. Eu estarei aqui mesmo na tela da Globo. Não mais às oito e meia da noite. Não estarei mais fazendo um telejornal, mas estarei muito feliz, porque vou estar com um programa que é meu, um projeto que foi aprovado pela direção geral, o que me deu muito orgulho”. (BERNARDES in JORNAL NACIONAL, 05/12/2011). Fátima explicou que, para fazer o programa, precisou sair do JN. E acrescentou:

Eu tenho certeza, muita confiança, que este projeto foi aprovado principalmente porque o telespectador tem um respeito muito grande pelo trabalho que eu venho desempenhando e, principalmente, pelo carinho que cada telespectador do Jornal Nacional destinou a mim. Porque se não fosse isso, mesmo com um projeto maravilhoso, eu tenho certeza que ele não seria aprovado. Eu tenho um orgulho enorme de contar com a sua confiança, [olhando para a câmera] com a sua parceria. (BERNARDES in JORNAL NACIONAL, 05/12/2011).

Em seguida Fátima deu as mãos para Patrícia Poeta e lhe desejou boa sorte, dizendo que ela estava herdando uma equipe maravilhosa e um chefe competente e generoso. Fátima disse ainda:

Eu não estou me sentindo me despedindo. Estou sentindo que estou dizendo um “até breve”. Espero que você [olhando para Patrícia Poeta] amanhã dê um ótimo “até amanhã” para o nosso público, porque o Jornal Nacional, com a sua chegada, vai permanecer o mesmo, o telejornal da família brasileira, [Bonner confirmou com a palavra “Exatamente”] que há 42 anos lidera a nossa audiência. (BERNARDES in JORNAL NACIONAL, 05/12/2011)

---

<sup>8</sup> A pergunta em questão é “Onde está você, Fátima Bernardes?”.



## Patrícia agradeceu e disse que falaria para Fátima

o que eu acho que todos os brasileiros que estão nos assistindo neste momento gostariam de dizer se estivessem sentados aqui nessa cadeira: a gente vai estar contando os dias para ver a sua estreia, para ver o seu novo programa, para receber você na nossa casa, dizendo bom dia ou boa tarde ou boa noite. (POETA in JORNAL NACIONAL, 05/12/2011)

Depois de Patrícia Poeta desejar sorte e sucesso para Fátima Bernardes, Bonner finalizou:

Então ‘tá’ bom. Patrícia Poeta, a partir de amanhã, nesta cadeira. [apontou para o lugar de Fátima] Fátima Bernardes se dedicando ao seu novo programa, que estreia ano que vem. E eu estarei aqui e quero que você saiba que ainda esta noite teremos mais notícias na Globo. Você tem o Jornal da Globo depois de Tela Quente. Nós estaremos de volta aqui a partir de amanhã. Uma boa noite pra você. (BONNER in JORNAL NACIONAL, 05/12/2011)

Fátima Bernardes disse, sorrindo, “uma boa noite e até breve” e Patrícia Poeta, um pouco tímida, falou “até amanhã”. Bonner ficou com as palavras finais, e completou rindo: “É isso aí”.

Já primeira edição do JN com apresentação de William Bonner e Patrícia Poeta foi veiculada na terça-feira, 6 de dezembro de 2011. Essa edição do telejornal não teve qualquer referência à mudança de apresentadora e foi normalmente conduzida, assim como prometido por Fátima Bernardes em seu último dia no JN.

## 5 Considerações finais

Foi possível notar, em todo este processo de anúncio e efetivação da troca de apresentadoras do JN, a ampla divulgação da informação e uma tentativa (bem sucedida, em nossa avaliação) de dar um tratamento natural à substituição. Em duas edições, o assunto ocupou 20 minutos e três segundos do próprio telejornal<sup>9</sup>, tempo que correspondeu aos últimos blocos completos destas duas edições. Em todos os momentos salientou-se que a ideia de ter um programa próprio – e conseqüentemente sair do JN – partiu da própria Fátima. Também notamos uma tentativa de humanização das

---

<sup>9</sup> Sem contar os tempos em que o assunto foi destaque nas escaladas das duas edições.



apresentadoras, uma vez que foram mostrados momentos em que elas se emocionaram em suas carreiras.

O tempo todo, os apresentadores falaram sobre o assunto com sorrisos no rosto e, em alguns momentos, até deram risadas. Todos pareceram felizes – inclusive, Fátima afirmou e reafirmou isso. Também Bonner mostrou-se resignado e feliz com a realização do sonho da mulher, e o casal afirmou e reafirmou, em várias entrevistas (em outros produtos midiáticos), que sua separação era exclusivamente profissional, o que colaborou para a manutenção do mito de casal feliz e perfeito. Aliás, apesar desta nuance não ter sido tratada neste artigo, o assunto foi amplamente divulgado na mídia – sites, jornais, revistas e programas televisivos. O JN, realmente, virou notícia no dia 1º de dezembro de 2011 e nos dias seguintes ao anúncio da troca de apresentadora. A mudança foi um acontecimento midiático, extremamente divulgado e mesmo badalado. Afinal, envolveu três celebridades: Bonner, Fátima e Patrícia Poeta – também já próxima do público graças a seu trabalho como apresentadora do Fantástico.

Entendemos ainda que a superdivulgação da saída de Fátima Bernardes teria sido planejada a partir do aprendizado de quase 16 anos antes, quando Cid Moreira e Sérgio Chapelin foram substituídos por William Bonner e Lillian Wite Fibe na bancada do JN. Pesquisa realizada depois da troca dos locutores pelos apresentadores jornalistas teria apontado a preferência pela antiga dupla (Porto, 2002) e, segundo José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni (em entrevista concedida à Revista Alfa – edição 16, publicada em dezembro de 2011), significou queda de 12 pontos de audiência no Jornal Nacional. Com a hiperdivulgação da mudança de apresentadora no JN, em dezembro de 2011, talvez os telespectadores tenham reduzido seu estranhamento ao ligar a televisão na noite do dia 6 de dezembro de 2011, e a partir dela, e se depararem com Patrícia Poeta na bancada do principal telejornal da TV brasileira.

### Referências

BARA, Gilze. **Para além do “boa noite”**: Os apresentadores de telejornais e o processo de identificação com o público. Dissertação de Mestrado em Comunicação. Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2012.

CASSETI, Francesco; CHIO, Federico di. **Análisis de La Televisión**. Instrumentos, métodos y prácticas de investigación. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica S.A., 1999.

COUTINHO, Iluska. **Dramaturgia do telejornalismo brasileiro**: a estrutura narrativa das notícias em TV. Tese de Doutorado em Comunicação Social. Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, 2003.



\_\_\_\_\_. **Público, telejornalismo e identidade:** uma reflexão sobre as esferas noticiosas e o destinatário da informação televisual. In LAHNI, Cláudia; PINHEIRO, Marta (orgs). **Sociedade e Comunicação:** perspectivas contemporâneas. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008. p. 13-30.

DEBRAY, Régis. **Os paradoxos da videosfera.** In DEBRAY, Régis. **Vida e Morte da Imagem, uma história do olhar no ocidente.** Petrópolis: Vozes, 1993. p. 293-323.

FECHINE, Yvana. **A nova retórica dos telejornais:** uma discussão sobre o éthos dos apresentadores. Trabalho apresentado ao GT Estudos de Jornalismo do XVII Encontro da Compós. São Paulo, 2008a.

\_\_\_\_\_. **Televisão e presença:** uma abordagem semiótica da transmissão direta. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2008b.

GUTMANN, Juliana Freire. **Articulações entre dispositivos televisivos e valores jornalísticos na cena de apresentação do Jornal Nacional.** GP Telejornalismo. Anais do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação Intercom (CD'ROM). Curitiba, 2009.

HAGEN, Sean. **A emoção como complemento à objetividade na imagem dos apresentadores de telejornal:** uma análise do processo de fidelização do telespectador. GT Estudos de Jornalismo. Anais do XVII Encontro da Compós (CD'ROM). São Paulo, 2008a.

\_\_\_\_\_. **Jornalismo, mito e linguagem:** uma abordagem teórica dos apresentadores-estrela. In VIZEU, Alfredo (org). **Sociedade do telejornalismo.** Petrópolis: Vozes, 2008b. p. 29-45.

**JORNAL NACIONAL.** Rio de Janeiro: TV Globo. Edições de 01/12/2011, 05/12/2011, 06/12/2011 (vídeos).

PORTO, Mauro. **Novos apresentadores ou novo jornalismo?** O Jornal Nacional antes e depois da saída de Cid Moreira. In **Comunicação e Espaço Público**, v. 5, n. 1/2, 2002, p. 9-31.

VIZEU, Alfredo. **O lado oculto do telejornalismo.** Florianópolis: Calandra, 2005.

\_\_\_\_\_. (org). **Sociedade do telejornalismo.** Petrópolis: Vozes, 2008.

VIZEU, Alfredo; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska (orgs.). **40 anos de telejornalismo em rede nacional.** Florianópolis: Insular, 2009.

\_\_\_\_\_. **60 anos de telejornalismo no Brasil:** história, análise e crítica. Florianópolis: Insular, 2010.